

MUDAR DE VIDA

jornal popular / apoio: uma moeda

Dezembro 2007 / número 3

A morte de um soldado português no Afeganistão

Página 4

Violência doméstica mata

Página 4

Cantoneiros fazem recuar CM de Lisboa

Página 5

Mecoin

Operários despedidos impedem saída de material da fábrica

Página 5

Mumia Abu-Jamal Há 25 anos no corredor da morte

Página 11

Dificuldades da luta de classes no Brasil

Página 12



Juan Carlos: o dedo viril do império

Página 13

Crianças em prisão perpétua nos EUA

Página 13



Bruno Coleção / Correio da Manhã

“Nós a dialogar e eles a bater”

Os trabalhadores da Valorsul, depois de uma greve de três dias em Setembro, travaram oito dias seguidos de luta, de 13 a 20 de Novembro, enfrentando a chantagem da administração da empresa - que só queria discutir aumentos salariais a troco da alteração de cláusulas do acordo de trabalho. Nos momentos cruciais, foi decisiva a

presença de populares junto do piquete de greve, sobretudo no aterro de Mato da Cruz onde se centrou a repressão e a resistência dos trabalhadores.

Sempre que esse apoio faltou, a GNR atacou, dispersando o piquete e abrindo passagem aos camiões do lixo. página 7

Não há uma Europa, há duas



O alastrar do movimento grevista e de juventude em países que têm papel central na União Europeia, como a França, a Alemanha e a Itália, são sinais de recusa das políticas anti-sociais que o Tratado recentemente aprovado em Lisboa e as cimeiras consagram. Sectores importantes dos trabalhadores europeus começam a pedir contas aos governos e à comissão Barroso.

páginas centrais

Juntos nessa luta

Companheiros daqui acessaram o sítio do 'Mudar de Vida' na internet. Discutimos entre nós. Gostaríamos de parabenizá-los pela iniciativa corajosa de erguer uma frente de luta em uma época tão difícil. Estamos todos juntos a lutar contra as reformas neoliberais, a barbárie da crise capitalista e o neofascismo tecnocrático.

O Brasil é um país onde a esquerda tem tarefas difficilimas e onde as coisas caminham para a barbárie absoluta. As lutas estão a se reorganizar, mas com grandes dificuldades. Por esta razão, eu e meus camaradas enxergamos a vossa iniciativa do Mudar de Vida como algo corajoso e valioso, uma flor no meio do deserto. Gostaríamos de dizer que a notícia da formação deste jornal nos encheu de esperança. Meus camaradas dizem que devemos fazer o mesmo por aqui.

Daremos todo apoio e colaboração possíveis ao vosso jornal. Marx dizia que movimento Comunista é um produto histórico do Capitalismo, ele se forma na prática e se afirma na realidade. O Partido, para ele, não seria uma simples instituição política, mas o conjunto prático de todos aqueles que lutam contra o Capital e em defesa da humanidade. Foi isto que nossos camaradas daqui me disseram. E estamos todos juntos, nesta luta. Grande Abraço

Paulo V. M. Dias (Brasil)

Debate sindical

Parabéns pelo vosso jornal electrónico. Só agora tomei contacto com ele. Li também o vosso manifesto. Várias coisas me pareceram passíveis de discussão. Uma delas, que também me interessa particularmente, é a postura de revolucionários face às movimentações dos sindicatos «concertativos». Por um lado, identificam claramente os males que afectam a CGTP (visto se tratar da única central na qual militam, se bem entendi).

Por outro lado, a vossa participação acrítica nos simulacros de luta, ajuda a perpetuar o fenómeno português da total impotência sindical, apesar de - em termos numéricos- haver uma «massa» sindicalizada maior que em muitos outros países da Europa. Gostava de vos assinalar as contradições da «prática» - que verifico muitas vezes- e portanto quanto à seriedade das declarações anti-capitalistas e anti-sistema. Não digo que seja o vosso caso, mas digo que tem sido o de muita gente neste país. Pois tais reivindicações só são credíveis na medida em que se aceite erguer desde a base, um movimento sindical alternativo, sem

sectarismos, como já existe em vários países europeus.

O facto é que os trabalhadores não nascem ensinados. A realização de um pseudo-plenário, onde se finge que se discute algo, ou nem isso, apenas se toma conhecimento de algo que foi congeminado pelos senhores burocratas, é um factor muito importante de auto-derrota. O que bloqueia o campo proletário é também a incapacidade de ir até ao fim das análises, de tirar as consequências lógicas do que se tem visto.

Manuel Baptista

Caro leitor:

Ajudar a reerguer um movimento sindical combativo é nosso propósito. Por isso achamos obrigatório apoiar e, quanto possível, participar nas lutas laborais. Não o fazemos de forma «acrítica», como afirma. Pelo contrário, as nossas notícias sobre esses temas mostram que procuramos incentivar e dar força, mas não esconder as fraquezas de que o movimento padece.

A redacção

Fundamental

Acho este jornal FUNDAMENTAL. Gostaria de receber regularmente notícias vossas. Até à vitória final!

Bárbara (Professora)



O velho e o polícia

No dia 18 de Outubro, decorreu em Lisboa uma grande manifestação contra as políticas neoliberais de Sócrates e contra a flexi-segurança. Duzentas mil pessoas saíram à rua para que fosse ouvido o seu grito de revolta, contra o governo e contra o rumo da política de Bruxelas, aproveitando o facto de estarem os grandes chefes da Europa reunidos no Parque das Nações.

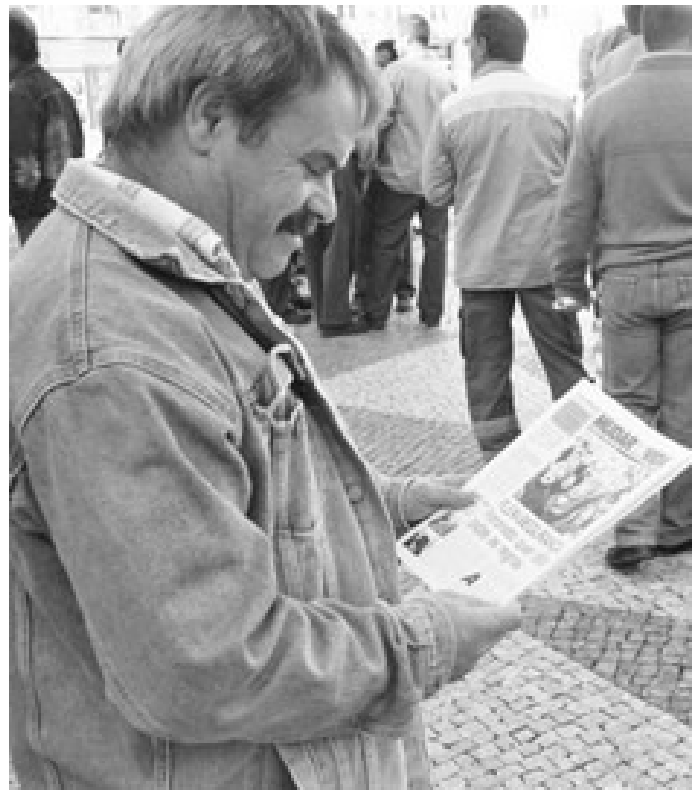
As notícias, nos diferentes jornais televisivos, foram de tal modo reduzidas que não se conseguia perceber o seu impacto. Procurei testemunhos, lembrei-me do senhor António, meu vizinho, residente em Coimbra.

Este senhor, com os seus oitenta e poucos anos, nunca deixou de participar em nenhuma manifestação, sofreu a repressão

em demasia para hoje ficar calado. Foi um grande esforço para ele a viagem e o percurso da manifestação, que, devido ao grande número de pessoas, demorou horas.

Apesar da dimensão do desfile, ele estava muito triste e revoltado. Os jornalistas que se aproximavam só queriam que ele falasse do que ele trazia para o almoço, queriam uma notícia, nas suas palavras, de folclore e ninguém perguntou pelo sumo das coisas, era apenas uma excursão. À pergunta de como é que tinha sido no Parque das Nações, ele respondeu-me que não tinha chegado lá. Fez tanto esforço para chegar perto dos grandes dignitários europeus, mas essa tentativa foi frustrada, foi encaminhado para os autocarros para voltar ao destino. Dizia-me ele que era tanta gente que até um polícia desabafou perante o seu cabelo branco: "hoje vocês têm o poder nas mãos, somos tão poucos que poderia haver aqui uma revolução, três mil e poucos polícias para mais de duzentos mil manifestantes!" Mas as organizações não estavam interessadas num braço de ferro. Para elas, tratou-se pois, de uma excursão!

Isabel Casado



Perguntas com resposta

Retomaremos no próximo número a abordagem dos temas que nos são propostos para esta secção.

MUDAR DE VIDA

Redacção Cristina Meneses, José Mário Branco, Manuel Raposo, M. Gouveia, Pedro Goulart **Colaboradores** Cândido Guedes, Carlos Simões, Eugénio Silva, João Bernardo, João Repas, Rita Moura, Manolo, Manuel Chico, Manuel Monteiro, Renato Teixeira, Rui Pereira, Urbano de Campos, Vladimiro Guinot **Fotografia** João Soeiro **Site** David Raposo **Cartune** Manuel da Palma

Apartado 75066 EC Calçada de Carriche 1750-999 Lisboa
jornalmudardevida@gmail.com www.jornalmudardevida.net

Assinaturas: 1 ano (12 números): Donativo mínimo 15 € / Apoio, o mais possível

Quatro encontros MV em Novembro

Trazer a política para a vida

No mês de Novembro, tiveram lugar quatro sessões públicas de apresentação do jornal *Mudar de Vida* e de debate político. A 1, em Coimbra (notícia no *site*), a 22, em Lisboa (Grémio Lisbonense), a 23, no Pinhal Novo (SFUA) e a 24, em Aljustrel (Centro de Cultura Libertária). Estas sessões tiveram o apoio de colectividades que encontram na colaboração com o MV a oportunidade de discutir temas políticos ou assuntos de interesse local.

No Grémio Lisbonense, a noite foi calorosa e animada com mais de 150 pessoas a encher a bela sala da segunda mais antiga colectividade portuguesa, que se debate com a perspectiva de ser despejada em nome de interesses financeiros privados. Depois da apresentação do MV, feita por membros da redacção, entrevistaram activistas de diversos colectivos para dar conta das suas iniciativas e lutas, em particular um grupo de *rappers* ligados ao jornal *Guetto*, de vários bairros de imigrantes africanos (Cova da Moura, Arrentela, etc.), que apelaram vibrantemente à unidade de portugueses e imigrantes contra a exploração, a discriminação e a violência. José Mário Branco, Pedro Branco e o grupo de *rappers* africanos da Cova da Moura cantaram no final.

O grupo de teatro amador do Pinhal Novo foi o anfitrião do MV, no âmbito das sessões regulares "Artimanha



Diego Bento



©Rui Luis

ConVida". Na primeira parte do encontro, Rui Guerreiro (responsável pelo Artimanha) e José Mário Branco falaram das artes interpretativas, nomeadamente o teatro,

Próximos encontros
11 de Janeiro
Biblioteca-Museu
República e
Resistência (Lisboa)
18 de Janeiro
Estaleiros Navais de
Viana do Castelo
Até lá.

assinantes e colaboradores. Na saída deste número, contamos com cerca de uma centena de assinantes espalhados por diversas zonas do país e do estrangeiro.

O próximo objectivo é chegarmos às duas centenas. O que é o mesmo que uma maior vitalidade do jornal e a possibilidade de ser mais distribuído, mais lido, mais comentado. Para que lho possamos

e do seu papel cultural. A conversa abordou depois a comunicação social e a sua importância na organização das lutas. Depois de uma curta apresentação do projecto do jornal, discutiu-se o que pode diferenciar o MV das restantes propostas das esquerdas.

No encontro organizado pelo Centro de Cultura Libertária de Aljustrel, com a participação do colectivo Indymédia e da revista anarquista *Alambique*, o MV esteve representado pelo jornalista Renato Teixeira. O debate foi animado e permitiu concluir que há necessidade de os vários colectivos se encontrarem mais vezes para enriquecerem o debate político.

fazer chegar todos os meses, faça uma assinatura. Faça-nos chegar o seu pedido directamente no *site* ou por correio. Indique nome, morada, código postal e não se esqueça de proceder ao pagamento por transferência bancária ou através do envio de cheque traçado ao portador. Indique também o número a partir do qual pretende iniciar a assinatura.

EDITORIAL

Democrática ditadura

Em entrevista publicada (significativamente, a 25 de Novembro) no Diário de Notícias, Mário Soares faz rasgado elogio à política "determinada" e "corajosa" de Sócrates, e aconselha-o ("agora") a "dialogar com o mundo do trabalho". Ao mesmo tempo, declarando-se "chocado" com o modo "como as desigualdades sociais se agravam nos últimos tempos", Soares diz que "tem de se lutar contra isso". Não faz mais do que transmitir ao jovem Sócrates a receita de um velho oportunista, mestre da arte de governar à direita piscando o olho à esquerda. Soares finge não saber que as desigualdades que o "chocam" são o produto directo da política que ele próprio, linhas atrás, elogia. Da mesma maneira que sempre fingiu ignorar que a desastrosa evolução do país nos últimos 30 anos é o fruto da ofensiva que ele encabeçou contra o movimento popular de 74-75, como ferro de lança de toda a direita e de tudo o que de mais reaccionário havia no país. São essas forças - que lhe agradecem reconhecidas o serviço prestado então, mas dispensam os conselhos misericordiosos - que hoje dominam o poder e conduzem os negócios. O Soares de hoje é Sócrates, adaptado às necessidades da época. A par do papel de administrador de plantão dos grandes negócios, o engenheiro trata de pôr em marcha um aparelho de Estado cada vez mais policial, com poderes concentrados no executivo, de ataque aos direitos sindicais, de limitação das liberdades... uma espécie de infraestrutura de segurança, estabelecida de consenso com toda a direita, que resgare o poder da legítima revolta das vítimas. O conselho de Soares a Sócrates traduz-se facilmente: Continua; mas olha que a força não basta - plena eficácia será conseguida convencer as tuas vítimas de que és amigo delas.

Assinar

O MV abre as suas páginas e *site* a vários tipos de participação (opiniões, divulgação de iniciativas, reportagens e imagens) mas precisamos do seu apoio também através de uma assinatura do jornal. Na sequência das sessões de apresentação registam-se novos

Violência doméstica mata

39 mulheres morreram em 2006 vítimas de agressões

Trinta e nove mulheres morreram em Portugal no ano passado vítimas de violência doméstica. Entre Novembro de 2005 e Novembro de 2006 foram registadas 43 tentativas de homicídio de mulheres em âmbito familiar. Em todo o ano de 2006 houve 15 mil queixas de violência. E sabe-se que os maus tratos são, por regra, continuados e a sua denúncia só ocorre, em média, ao fim de dez anos de sofrimento em silêncio.

Lugar subalterno. Este é o aspecto mais gritante da violência de que as mulheres são alvo. Mas há outros, que revelam o lugar subalterno e dependente que a organização social destina às mulheres, apesar de todas as leis em vigor e não obstante constituírem mais de metade da população mundial.

Chaga social. O dia internacional para a eliminação da violência contra as mulheres, que decorreu a 25 de Novembro, procurou chamar a atenção para esta chaga social que, sob o manto da vida familiar, ou da igualdade formal consagrada pela lei, esconde violências, injustiças e discriminações de toda a espécie. Dados divulgados pela Associação de Planeamento Familiar revelam que as guerras, a fome e o atraso económico vitimam mais mulheres do que homens. É sabido também que no mundo do trabalho as mulheres ganham em média menos do que os homens pelos mesmos

serviços e são as primeiras a ser despedidas. O tráfico de seres humanos incide sobretudo sobre mulheres. E pragas como a prostituição organizada conduzem ao resultado de serem as mulheres, de novo, as mais contaminadas por doenças sexualmente transmissíveis, como a sída.

Desigualdade. Não se está, portanto, diante de um aspecto menor da organização social, de um detalhe a resolver com o passar do tempo. Está-se diante um modo de escravização de uma parte da humanidade, por sinal a maioria, com o fim de assegurar a reprodução da força de trabalho a baixos custos, através das tarefas domésticas - que são, no fundo, trabalho

não pago. Está-se perante uma maneira de perpetuar desigualdades materiais, sociais e culturais, que dividem e enfraquecem em primeiro lugar a massa trabalhadora. De um processo de induzir na relação mulher-homem o mesmo tipo de dependência que submete o trabalho ao capital, atribuindo ao homem o papel de patrão doméstico. É aqui que tem de se encontrar a origem da violência que tem por alvo as mulheres e por agentes os homens. Cabe às mulheres o papel principal na luta para alcançar plena igualdade. Mas nenhum homem será verdadeiramente livre enquanto por seu intermédio tal injustiça social se eternizar.

M. Raposo



Portinari, Duas mulheres e duas crianças

Soldado português morre no Afeganistão

Governantes e PR recuperam a retórica patrioteira dos tempos da guerra colonial

Um soldado português morreu no Afeganistão a 23 de Novembro vítima de acidente com um blindado, durante uma patrulha noturna. O ministro da Defesa, Severiano Teixeira, tentou engrandecer o sucedido dizendo que a morte se deu "ao serviço da pátria". O mesmo fez Cavaco Silva afirmando que Sérgio Pedrosa "perdeu a vida ao serviço de Portugal". Esta encenação em torno do "dever de servir" não ficaria completa se o primeiro ministro Sócrates não tivesse feito, com ar compungido, a visita da praxe à família. O PR procurou ainda atenuar os

prejuízos ao sublinhar que a morte se tinha dado "não em combate, mas num acidente rodoviário", omitindo tratar-se de uma patrulha. E antecipou-se às críticas ao papel de Portugal nesta guerra, acrescentando que os soldados portugueses no Afeganistão "prestam um serviço à causa da paz e da segurança e prestigiam o nome de Portugal".

O governo anunciou entretanto que o destacamento português no Afeganistão vai ser reduzido de 162 para 15 militares até Agosto do ano que vem. Mas esta retirada parcial - que mereceu dura reprimenda do

embaixador norte-americano em Lisboa, sem que o governo português reagisse - não muda a questão política de fundo que é a colaboração prestada pelas autoridades portuguesas às agressões militares capitaneadas pelos EUA sob a capa das obrigações perante a Nato.

Enquanto prevalecer este princípio, o país estará condenado a servir de auxiliar das acções guerreiras ditadas pelos interesses dos EUA, empenhando nisto dinheiro, homens e sujeição política.

M. Raposo

BREVES

Polícias privados reclamam armas

O presidente da recém-criada Associação Nacional de Vigilantes, Rui Silva - que reúne os polícias privados a que chamamos "seguranças" - reclamou o acesso dos agentes privados a "armas de imobilização", ou seja, aquelas que, por meio de choques eléctricos, atordoam e imobilizam quem se atrever a fazer-lhes frente. Já há, em Portugal, já mais de 40.000 "seguranças" no sector público e no privado, contingente que, em número, já supera os da PSP e da GNR. Pretendendo fazer passar por "armas de auto-defesa" esses engenhos (os "tasers") que são realmente usados como armas de agressão pelas polícias de todo o mundo, estes polícias privados poderão ser, assim, auxiliares preciosos dos patrões na repressão dentro das empresas e dos serviços públicos.

Caridade colonial

A Câmara Municipal do Porto ofereceu uma série de bens à cidade moçambicana da Beira, mas algumas dessas prendas, como um camião do lixo velho e estragado e 150 casacos de trabalho que já não serviam ao Porto, foram recusadas. O presidente da Beira, Daviz Simango disse: "não é por sermos subdesenvolvidos que temos de aceitar toda a oferta".

Governo investe nos EUA

O reitor da Universidade de Lisboa, em discurso proferido na abertura oficial do ano académico, acusou o Governo de cortar no financiamento do ensino superior público, transferindo parte desse dinheiro para universidades norte-americanas, a troco de contrapartidas reduzidas. Sampaio da Nóvoa acusou ainda o Executivo de se refugir no autoritarismo para retirar autonomia às universidades. O reitor lembrou que nos últimos dois anos Portugal foi o único país da Europa que reduziu o investimento no ensino superior.

BREVES

Fora-da-lei

Depois de, há meses, ter declarado o aborto “como algo negativo” – já depois de legalizada a interrupção voluntária da gravidez – o bastonário da Ordem dos Médicos insiste em encabeçar a resistência à aplicação da lei, desta vez recusando adequar o código deontológico dos médicos à nova situação legal. Brandindo a independência da Ordem, o dr Pedro Nunes não faz mais do que pôr os credos individuais de certos médicos acima de uma lei com evidentes repercussões sociais.

Reforma da Justiça

O ministro da Justiça acaba de comprar cinco automóveis topo de gama no valor total de 176 mil euros (35 mil contos), por ajuste directo. A aquisição, feita pelo Instituto de Gestão Financeira e de Infra-Estruturas da Justiça (IGFIEJ) e autorizada por despacho do secretário de Estado adjunto do ministro da Justiça, Conde Rodrigues, provocou mal-estar nos meios judiciais, nomeadamente nos tribunais, onde é constante a falta dos materiais mais básicos. Um dos contemplados foi o presidente do IGFIEJ, com um Audi Limousine 2.0TDI, de 140 cavalos que custou mais de 38 mil euros, com quase 3 mil euros de extras.

Pensões de miséria

As reformas mais baixas da Segurança Social – as do regime não contributivo – subirão em 2008, apenas 4,2 euros por mês, situando-se em 181 euros mensais e abrangendo cerca de 84.000 pensionistas. Quanto às reformas mais baixas do regime geral, os seus aumentos variarão entre 5,5 e 8,5 euros fixando-se em valores entre 235 e 362 euros mensais. Claro, há ainda umas esmoladas que o governo reserva para os mais pobres dos pobres – o Complemento Solidário de Idosos, atribuído apenas aos que tenham mais de 70 anos e menos de 300 euros por mês, sem ajuda familiar. Como poderão estes cidadãos reformados ter uma vida digna?

Vale a pena lutar Cantoneiros fazem recuar a Câmara de Lisboa

Os trabalhadores de limpeza da CML, um dos sectores mais sacrificados de entre os funcionários do município, estiveram em luta no início de Novembro porque dois deles, tendo recusado trabalhar sem luvas protectoras, foram penalizados pelas chefias com faltas injustificadas.

Esta prepotência gerou uma onda de indignação entre os colegas. O Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa (STML) convocou de imediato um plenário em que participou a grande maioria

dos trabalhadores da limpeza. Foi aprovada uma moção exigindo equipamento de protecção individual e a retirada das faltas injustificadas.

Dias depois, a Câmara recuou retirando as faltas. Foi o resultado da pronta reacção do sindicato, apoiado na movimentação dos trabalhadores e na sua determinação em não cederem, bem como na onda de solidariedade gerada em torno dos trabalhadores visados.

Manuel Monteiro



Mecoin, Tondela

Operários despedidos impedem saída de material da fábrica

A administração da fábrica Mecoin, localizada em Nandufe (Tondela, Beira Alta), encerrou a empresa no dia 6 de Novembro, deixando os 40 operários com cinco meses e meio de salários em atraso. A Mecoin é uma metalúrgica de componentes para automóveis.

Vigília. Em resposta, os trabalhadores montaram vigília à porta da empresa para impedir a saída do material: o roubo das máquinas, das matérias-primas e dos stocks pela administração da empresa. Por vários dias ali permaneceram revezando-se à porta e pernoitando em tendas de campismo.

O piquete de vigilância - que recebeu solidariedade dos seus colegas de outras fábricas - dispôs-se a barrar o caminho a quem, em qualquer situação, quisesse tirar máquinas ou matéria prima, como conta um amigo do MV em Tondela que contactou o piquete.

Importante. Esta luta, refere ainda a mesma fonte, tem uma importância dobrada “por ter sido a primeira vez que os trabalhadores em Tondela assumiram de uma forma pública a defesa dos seus direitos”.

Os trabalhadores apresentaram, entretanto, uma providência cau-

telar ao Tribunal de Tondela no sentido de impedir a saída de camiões com material da empresa.

“Temos de salvaguardar algum património da empresa para que nos paguem”, afirmou um dos trabalhadores de vigia à fábrica.

Ainda se riem. Registe-se ainda o facto, denunciado com indignação pelos trabalhadores, de os administradores se terem gabado, com algumas risadas, das viagens que faziam nas férias ao Brasil e ao Paraguai, sem pagarem os salários dos operários agora postos no desemprego.

Correspondente, Tondela

A velha toupeira

A propósito do «pauzinho na engrenagem», de que falava o desenho de Manuel da Palma no nº 2 do Mudar de Vida, lembrei-me de que sabotagem provém de uma palavra francesa, sabot, que significa tamanco. Era o calçado dos operários no começo do capitalismo, isto se tinham alguma coisa para pôr no pé, e como os tamancos eram de madeira e as engrenagens daquela época não eram muito fortes, quando o tamanco caía, a máquina parava, e o trabalhador ganhava assim algum tempo, sobre o tempo de trabalho que tinha de vender ao patrão. A história registou grandes datas, convulsões mundiais, bandeiras

vermelhas desfraldadas ao vento. Mas estes episódios, que constituem o culminar da luta entre as classes, são a cúpula do edifício. Os alicerces são outros, e cavam-se com milhões e milhões de gestos quotidianos, anónimos, persistentes. Imaginam quantos biliões de dólares os patrões perdem por ano devido a materiais que os trabalhadores levaram para casa? Dir-se-á que são roubos, e a lei pune-os como tal, mas na realidade são uma tentativa de reduzir a exploração salarial. Ou dir-se-á que se trata de acções individuais, sem interesse para a luta colectiva. Mas quantos colegas olham para o lado quando outro mete alguma



coisa na bolsa ou no bolso? As redes de solidariedade vão-se construindo assim, pouco a pouco, com estes actos elementares. As oposições de classe também, a clivagem entre nós e eles. Sem isto não existe unificação possível das lutas, nem debate de ideias, nem esclarecimento político, nem avanços estratégicos.

E quando a hora soa, aqueles que sabem o que está por debaixo podem sorrir e dizer, com a frase de Marx, «bem cavado, velha toupeira!».

João Bernardo

Coimbra

“O presidente da Câmara só aparece nas eleições”

Entrevista a José Soares, morador do bairro da Conchada e membro da comissão instaladora da associação de moradores

Que problemas sentem os moradores do Bairro da Conchada?

Imensos. Os prédios foram construídos à pressão e com materiais muito maus. Como eram para realojamento, o que interessava era serem baratos. Mas os problemas estão à vista: infiltrações, humidades, más vedações e correntes de ar. Nas frentes dos prédios a água entra e infiltra-se nas madeiras das portas e das janelas. Depois fica tudo inchado e apodrece rapidamente.

Mas que respostas têm obtido da Câmara Municipal de Coimbra?

Nas eleições todos aparecem por aqui a prometer tudo e mais alguma coisa, mas depois de eleitos já se sabe que levam quatro anos a voltar a aparecer. As pessoas sentem-se usadas e já não confiam nos políticos. Mesmo com os de esquerda que deviam prestar mais atenção aos pobres, as pessoas estão desiludidas. O Bloco de Esquerda só me chama para colar cartazes e o PCP, que agora tem um vereador, parece que nos abandonou. Estamos magoados por se terem esquecido de nós.

O que tem feito o presidente Carlos Encarnação?

Esse é dos tais que só aparece nas eleições. Numa assembleia muni-



cipal prometeu umas placas de zinco para impedir a entrada da chuva mas até hoje, nada.

Como é que os moradores lidam com esta situação?

Como vivemos num bairro social, não nos podemos constituir como associação de condóminos para, por exemplo, reivindicar um cantoneiro para arranjar o jardim ou vir tirar o lixo que se acumula. Temos tido o apoio de um técnico da Câmara para nos constituirmos como associação de moradores, mas é tudo muito burocrático e as pessoas, que já chegam a casa cansadas do trabalho, não têm vagar para tantas dificuldades.

Mas foi um passo importante a criação da comissão instaladora?

Sim, muito importante. Agora é necessário começar a dinamizar culturalmente o bairro e fazer uma lista com as necessidades de todos para partir para a luta. Só a luta pode fazer chegar os nossos direitos. Não vão chegar de mão beijada, com certeza.

Os restantes moradores estão disponíveis para essa luta?

Espero que sim. Seria muito importante, não só para eles directamente, mas para todo o bairro. Percebe-se que as pessoas se cansam e pensam acima de tudo no que se passa nas suas casas. Eu também me preocupo com a minha, mas se todos demos um bocadinho de cada um de nós podemos melhorar as condições de todos.

Que ideias têm para melhorar as condições do bairro?

Criou-se a comissão instaladora, que foi um passo importante, mas é preciso mais. Seria bom que por altura do fim do ano, ou no início do próximo, pudéssemos reunir todo o bairro à volta de um debate para avaliar as necessidades de todos. Haveria também tempo para a confraternização e um momento musical.

Renato Teixeira

BREVES

Despedimento colectivo redobra

Nos primeiros oito meses deste ano, 3 mil trabalhadores foram vítimas de despedimento colectivo em todo o país, o dobro do ano passado. O número de empresas que recorreu a este procedimento foi de 167. Sector mais atingido: o das componentes de automóveis, designadamente as empresas Yazaki Saltano, em Ovar, e a Alcoa, em Palmela. O facto contraria a ideia de que são os sectores de menor qualificação profissional ou de capitalismo atrasado (com menor produtividade) os mais atingidos pelo desemprego.

RTP à mercê da concorrência

O novo presidente da RTP, Guilherme Costa, foi presidente do ICEP, da Gescartão e da Portucel-Viana; foi membro dos conselhos de administração da Sonae-Indústria, da Portucel e da Soporcel; é administrador não executivo da Impresa (de Balsemão); é membro dos órgãos de fiscalização das empresas do grupo Sonae (de Belmiro). Balsemão disse à Lusa que tem “uma excelente opinião sobre a competência e a independência” de Guilherme Costa. Competência talvez; o capital sabe escolher os seus gestores. Mas “independência”? de quem? A RTP-RDP, o mais poderoso grupo de comunicação social português, suportado com dinheiros públicos, fica mais abertamente à mercê do capital privado e da concorrência. É a transparência de Sócrates.

Ideia enraizada

O secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Amaral Thomaz, revelou um verdadeiro segredo de Polichinelo: as grandes empresas portuguesas estão envolvidas nas fraudes fiscais, contrariando a “ideia enraizada” de que “as grandes empresas não cometem fraudes”, disse o membro do governo. Mas em que cabeças é que essa ideia está enraizada, senhor secretário de Estado?

Habitação: uma crise crónica sem fim à vista

Um estudo elaborado pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa por encomenda do governo dá conta de que a falta de casas em Portugal se cifra em 200 mil fogos. A este défice acrescem ainda 190 mil fogos em mau estado, habitados, que necessitam de reparação.

Os males do parque habitacional não se ficam infelizmente por aqui. A sobrelotação de habitações atinge 500 mil fogos em todo o país. É uma realidade escondida mas das mais terríveis, que se traduz em modos de vida insuportáveis pela acumulação de pessoas (ou famílias diferentes) em espaços incapazes de satisfazer mínimos de conforto e de dignidade.

BREVES

Nada de exageros

Confrontado com os despedimentos de pessoal avançado da câmara Municipal de Lisboa levado a efeito pelo PS, Heitor de Sousa, deputado municipal do BE, afirmou que isso seria "motivo suficiente para pôr em causa o acordo" com o PS, caso fossem despedidas pessoas com funções equivalentes aos dos contratados.

Sá Fernandes, o vereador do Bloco, apressou-se a desmentir Heitor de Sousa afirmando que o acordo não estava em causa e que o deputado municipal tinha "exagerado".

Greve da Função Pública

A greve da Função Pública, que juntou numa paralisação nacional, no dia 30 de Novembro, trabalhadores da administração central e local e ainda médicos, enfermeiros e professores, teve forte adesão em todo o país. Aos 80% de participação avançados pelos sindicatos, o governo respondeu com o preciosismo de uns meros 22,81%, na busca de desvalorizar o protesto. Quer em contactos pessoais quer através dos microfones da rádio, muitas pessoas que estavam com as razões da luta questionavam, contudo, a eficácia de apenas um dia de greve, achando que para fazer recuar o governo deveriam ser preparadas condições para uma paralisação prolongada. Se assim não for, tudo indica que as negociações para aumentos salariais não saiam do impasse e o poder de compra dos funcionários volte a cair pelo oitavo ano consecutivo.

À frente em novos casos de sida

Dos países da Europa ocidental, Portugal é o quarto com mais novos casos de sida por ano, atrás do Reino Unido, França e Alemanha, apesar de os números terem descido entre 2005 e 2007 (de 2635 para 2162 casos). Se porém se fizer a proporção com a população de cada país, Portugal fica em primeiro lugar.

Valorsul: apoio popular foi decisivo para uma luta que durou oito dias

Depois de uma greve de três dias em Setembro, foram desta vez oito dias seguidos de luta, de 13 a 20 de Novembro. Enfrentando a chantagem da administração da empresa - que só queria discutir aumentos salariais a troco da alteração de cláusulas do acordo de empresa que implicavam com as horas extra - os trabalhadores da Valorsul exigiam um aumento salarial de 3,7% sem redução dos períodos de descanso entre turnos.

Lucros. A Valorsul é uma lucrativa empresa maioritariamente detida pela Empresa Geral de Fomento e pela EDP e comparticipada pelos municípios de Lisboa, Amadora, Loures e Vila Franca de Xira (todos de maioria PS), para o tratamento e reciclagem dos lixos domésticos destes quatro concelhos e ainda do de Odivelas. Apesar de se limitar a esta área geográfica, recicla um sexto de todo o lixo doméstico do país. As 750 mil toneladas de lixos recebidas cada ano pela Valorsul constituem uma matéria prima gratuita, encaminhada para a empresa pelos serviços de recolha de lixo dos municípios, que é transformada em produtos reutilizáveis e rendosos.

Governo apoia patrões. Na greve de Novembro, os patrões da Valorsul tiveram logo à partida o



apoio, ilegal, do governo e das forças policiais. A pretexto de "serviços mínimos" abusivos, de "defesa da saúde pública" (que nunca esteve ameaçada pela greve) e do forjado "direito ao trabalho" de pessoas estranhas à empresa, as forças repressivas (neste caso a GNR) foram mais uma vez usadas para impedir ou limitar o direito à greve.

Apoio aos grevistas. O MV acompanhou, desde o início, as sucessivas fases do conflito (ver os vários artigos no MV-net). Nos momentos cruciais, foi decisiva a presença de populares junto do

piquete de greve, sobretudo no aterro de Mato da Cruz onde se centrou a repressão e a resistência dos trabalhadores. Sempre que esse apoio faltou, a GNR atacou, dispersando o piquete e abrindo passagem aos camiões do lixo.

Negociações. No dia 20, os trabalhadores suspenderam a greve para negociar. No momento em que fechamos esta edição, ainda há desacordo sobre a duração do descanso aos fins de semana, que a administração quer reduzir.

Em breve publicaremos, no MV-net, uma entrevista com os delegados sindicais da empresa.

A pretexto dos serviços mínimos

Ataque ao direito de greve

Logo no primeiro dia da greve dos trabalhadores da Valorsul, agentes da PSP e da GNR foram destacados para a central de incineração de S. João da Talha, perto de Lisboa. Estavam encarregados, a mando do ministério da Administração Interna, de abrir as portas do recinto a fim de que os lixos recolhidos nos concelhos servidos pela firma fossem depositados.

O mesmo sucedeu nos dias seguintes, e até ao final da greve, no aterro sanitário de Mato da Cruz - numa atitude que os trabalhadores consideraram, e bem, uma provocação.

Os responsáveis da Valorsul lavaram as mãos do caso, mas lá foram dizendo que a operação "repunha a legalidade", acusando

os trabalhadores de não cumprirem os serviços mínimos.

Pretexto. Na realidade, os serviços mínimos, neste e noutros casos recentes - como os que noticiámos relativamente aos casos do Metro de Lisboa e da Transtejo, na sequência da greve geral de 30 de Maio - têm sido o pretexto usado por patrões e governo para forçar uma parte dos trabalhadores a assegurarem a normalidade do trabalho durante as greves. Cada vez mais, com efeito, os serviços mínimos comportam maiores exigências aos trabalhadores, muito para além do sentido original dessa restrição, que visa apenas prevenir situações de emergência. O que tem vindo a ser estipulado

quanto a serviços mínimos é uma manobra sistemática que visa esvaziar de efeitos práticos o direito de greve. É claro que uma greve causa perturbações, prejudica utentes, paralisa serviços. Mas é precisamente essa faculdade que está reconhecida por lei aos trabalhadores como um meio de defenderem direitos ou de reclamarem melhorias nas suas condições de trabalho. É o direito de usar uma medida de força - a paralisação, com todas as suas consequências - contra o poder de patrões e governos. Um direito do qual não se pode abdicar se não se quiser que as greves sejam, daqui a uns tempos, meramente simbólicas.

Urbano de Campos

A actualidade do internacionalismo

Não há uma Europa, há duas

O alastrar do movimento grevista e de juventude em países que têm papel central na União Europeia, como a França, a Alemanha e a Itália, são sinais de recusa das políticas anti-sociais que o Tratado recentemente aprovado em Lisboa e as cimeiras consagram. Sectores importantes dos trabalhadores europeus começam a pedir contas aos governos e à comissão Barroso

Em contraste com as solenidades e os rituais políticos dos governantes, a Europa dos trabalhadores e dos povos está em efervescência, numa sucessão de greves, manifestações, ocupações e revoltas.

Em Itália grita-se “não a um governo berlusconista sem Berlusconi”. Em França, Sarkozy encontra uma firme oposição popular às suas “reformas”. Estudantes universitários e secundários ocupam centenas de escolas e universidades em França, Grécia e Itália. Ferroviários alemães exigem consideráveis aumentos de salário e paralisaram a economia do país durante vários dias. A juventude pobre e marginalizada dos subúrbios de Paris - para onde são segregadas as famílias de origem imigrante, discriminadas, subempregadas e diariamente agredidas pela polícia - reage violentamente à morte de dois jovens durante confrontos com a polícia. Em Portugal, a greve geral da Função Pública, a 30 de Novembro, segue-se à grande manifestação de 18 de Outubro.

Enquanto isto, todos os anos milhares de imigrantes tentam alcançar a Europa em busca de sobrevivência. E, quando não morrem pelo caminho, em vez de encontrarem o acolhimento correspondente aos grandes princípios humanistas e democráticos proclamados pela União Europeia - como agora na Cimeira Europa-África em Lisboa - esbarram com a Europa policial de Schengen, com a Europa emuralhada dos contingentes de imigração, com

a Europa hipócrita que precisa dos imigrantes para as suas empresas, mas que os mantém frágeis e ilegais para melhor explorar toda a força de trabalho.

É o contraste entre dois mundos. É a fronteira de classe entre duas Europas. Tomando cada vez mais conta das nossas vidas quotidianas, a Europa capitalista tem vindo a ser construída, ao longo de mais de meio século, como um novo pólo imperial no mundo. Uma Europa exploradora e opressora, virada também contra os seus próprios povos, que se desfaz definitivamente do Estado Social - porque a crise, agora permanente, do capitalismo acabou de vez com a miragem do progresso contínuo. Uma Europa onde, quanto mais se caminha para o federalismo necessário ao Capital, mais se exacerbam os nacionalismos de extrema-direita, a xenofobia e o racismo, a impiedade em relação às camadas pobres, descartáveis e “inviáveis” da sociedade. Uma Europa onde, a seguir aos mercados, a primeira coisa a unificar foram as forças repressivas.

É esta a Europa que nos é imposta e que os partidos do sistema nos apresentam como uma via inevitável e sem alternativa. Querer “obrigar” a Europa a ser social e progressista sem pôr em causa a sua natureza capitalista e os seus propósitos de potência imperialista é uma ilusão que apenas serve para adiar a única alternativa que nos interessa: a unificação das lutas e do movimento social por todo o continente, a coordenação da resistência num verdadeiro espírito internacionalista, a união dos povos europeus.



Alemanha Maquinistas paralisam o país

Em luta desde Março passado, os maquinistas dos caminhos de ferro alemães fizeram este mês a mais longa e participada greve da sua história, paralisando o tráfego de passageiros em todo o leste do país, a actividade portuária e a quase totalidade do tráfego de mercadorias - fundamental para as indústrias, sobretudo automóvel e química, cuja laboração foi seriamente afectada.

Sob a aparência de uma reivindicação corporativa - um acordo salarial separado do dos restantes 195.000 trabalhadores da empresa (Deutsche Bahn) - os 34.000 maquinistas exigem, na realidade uma actualização salarial que equipare os seus salários aos de outros caminhos de ferro europeus. O que, de início, os levou a exigir aumentos que iam até aos 31%. Embora tendo baixado consideravelmente esta fasquia, a empresa manteve-se inflexível e o resultado foi uma greve histórica, que durou vários dias e foi suspensa no sábado 17 de Novembro.

Na Alemanha, a maior potência industrial da Europa, este tipo de greves é relativamente raro. Mas as sondagens de opinião acerca deste caso foram claramente favoráveis aos grevistas. O governo de Angela Merkel, que se preparava para privatizar parcialmente a empresa em 2009, já teve, segundo a Reuters, de meter esse plano no frigorífico.

Agora, perante as propostas insuficientes da DB - que teve 30 mil milhões de euros de lucros no ano passado -, o sindicato GDL considera seriamente a possibilidade de retomar a greve a qualquer momento.

Cândido Guedes



Imigrantes A Europa protege-se e o mar trata deles

Apesar do cerco das autoridades europeias, os imigrantes, sobretudo africanos, continuam a procurar entrar na Europa, mesmo correndo risco de vida.

Pelo menos 22 egípcios morreram e 125 desapareceram quando as embarcações nas quais viajavam de forma ilegal se afundaram perto do litoral italiano. A primeira embarcação saiu do litoral da Líbia e naufragou perto da Calábria, com 160 pessoas a bordo. Outra embarcação, que transportava 24 pessoas afundou-se nas proximidades de Siracusa, na Sicília. O mesmo drama foi vivido por 80 imigrantes subsaharianos, todos salvos com vida, quando a embarcação em que viajavam foi detectada ao largo das Canárias.

Muitas embarcações clandestinas com emigrantes tentam chegar às Canárias, fugindo ao forte dispositivo naval e aéreo que se encontra na região, coordenado agora pela agência europeia de fronteiras.

Mais quarenta e cinco clandestinos morreram de frio, sede e fome e acabaram por ser atirados borda fora quando o barco ficou sem motor e andou durante uma semana à deriva ao largo de Marrocos. Partiram do Senegal, sendo a maioria senegaleses, mas há também cidadãos do Mali, da Gâmbia e da Guiné-Bissau entre os passageiros. Em Outubro, foram encontrados os corpos de sete emigrantes num barco à deriva ao largo de Cabo Verde, estimando-se que os outros 50 ocupantes mortos tenham sido atirados ao mar pelos seus companheiros de viagem.

M. Gouveia

Itália Manifestações e greves convocadas por sindicatos de base

Grandes manifestações tiveram lugar no dia 10, por toda a Itália, em apoio à greve "geral e generalizada" convocada por organizações sindicais alternativas, em oposição aberta às centrais sindicais do sistema, CGIL, CISL e UIL. Mais de 2 milhões de grevistas por todo o país provocaram fortes perturbações nos transportes, na educação (professores e estudantes), na saúde, na administração pública e em centenas de grandes empresas, com destaque para a Fiat, com 70 a 90% de participação operária. Houve manifestações de 50 mil em Roma e em Milão, e mais 400 mil em 25 manifestações por todo o país.

Este movimento tem como base uma decidida oposição ao Orçamento de Estado e à flexi-segurança por parte dos trabalhadores, que não se revêm nas posições conciliatórias e colaboracionistas da burocracia sindical dominante. "Não às políticas económicas e sociais do governo de Prodi", que é um governo de centro-esquerda.

Em muitas empresas e serviços públicos, inúmeras organizações de base dos sindicatos tradicionais e dos partidos da esquerda reformista solidarizaram-se com o movimento grevista e participaram nas manifestações – ao arpejo das posições das respectivas direcções.

Toda a imprensa, mesmo a direitista, reconhece o êxito deste dia de greve geral e a importância das manifestações. Alguns factos mais espectaculares: o aeroporto de Fiumicino (Roma) teve de cancelar 74 voos; os 2000 espectadores que iam ao Scala de Milão ouvir o *Requiem* de Verdi dirigido por Daniel Barenboim encontraram os portões fechados; durante as manifestações foram pintadas centenas de pichagens em paredes e muros; Roma e Milão ficaram praticamente paralisadas.

Como disse, em Roma, Piero Bernocchi, porta-voz nacional das COBAS: "Ultrapassando as mais ousadas previsões, isto é um fortíssimo aviso para um governo que pratica o berlusconismo sem Berlusconi".

José Mário Branco



França Três semanas de paralisações em todos os sectores

O movimento grevista que paralisa a França há quase três semanas iniciou-se a 13 de Novembro com os caminhos de ferro (SNCF) e os estudantes universitários. A 14 juntaram-se-lhes os trabalhadores do Metro de Paris, os motoristas dos autocarros (RATP) e os trabalhadores da electricidade (EDF) e do gás (GDF). Na semana seguinte foi a vez de funcionários públicos, professores e juizes.

Muitos sindicatos anunciaram greves "renováveis".

As políticas do presidente Sarkozy de ataque aos direitos dos trabalhadores e de reforma do ensino superior estão na base deste movimento de protesto. Os trabalhadores da função pública e das grandes empresas estatais (SNCF, RATP, EDF e GDF) recusam a extensão do período de descontos para a reforma, de 37,5 anos para 40. Os estudantes universitários recusam a lei da "autonomia" universitária, passo para a privatização do ensino oficial.

José Mário Branco

Subúrbios respondem à violência policial

A morte de dois adolescentes num choque com um carro-patrolha. As circunstâncias do acidente foram a tal ponto da polícia levou a nova explosão de revolta, como em 2005, quando Nicolas Sarkozy, então ministro do Interior, chamou "escumalha" ao povo dos arredores de Paris, onde moram mais de cinco milhões de pessoas, grande parte imigrantes.

Desta feita, a maior convulsão centra-se no distrito de Val-D'Oise. Em menos de duas noites deram entrada no hospital mais polícias do que em toda a crise de 2005, o que reflecte a radicalização dos confrontos. A idade dos jovens revoltados também aumentou e há relatos de que têm respondido às cargas policiais com armas de fogo.

O governo, a braços com uma forte greve intersectorial, responde com mão pesada e com medidas fascizantes. Entre elas o recolher obrigatório, o redobrar da televigilância e o reforço do contingente policial, que nas últimas noites transformaram os bairros, quase desertos de moradores, em cenários de intimidação, próprios de uma cidade em guerra.

Os conflitos estenderam-se a outros bairros e à cidade de Toulouse, no sul, e os números de feridos e de incêndios não páram de aumentar. A extrema-direita, pela voz de Le Pen, acusa Sarkozy de ter mão leve e de não ter feito o que prometeu: "ruptura e limpeza" nos bairros suburbanos.

O certo, porém, é que os habitantes dos bairros não parecem dispostos a aceitar a continuação da violência policial nem os ataques dos dirigentes políticos à sua dignidade.

Renato Teixeira

Proposta para a unificação da esquerda palestina

Sucedem-se os acontecimentos trágicos nos territórios palestinos. Confrontos sucessivos entre o Hamas e a Fatah causam número considerável de mortos e feridos. Os palestinos estão mergulhados numa nova era de despedaçamento que os afasta dos seus interesses nacionais.

Como é que se chegou a isto?

Para manter os privilégios do poder que perdeu nas eleições de 25 de Janeiro de 2006, a direcção da Fatah fez tudo para impedir o lado ganhador (o Hamas) de governar normalmente. Para isso, foi ajudada pelas potências exteriores (EUA, UE, etc) e sobretudo pela política israelita. Foi este o começo de uma situação de conflito político aberto entre as duas partes.

No que respeita ao Hamas, em nenhum momento quis realmente partilhar o poder com as outras tendências. Nem mostrou vontade de integrar a OLP e de participar na sua reconstrução para que ela se torne o quadro político e institucional realmente representativo do conjunto dos palestinos. Os acordos entre Hamas e Fatah não foram, para o conjunto dos palestinos, um verdadeiro acordo político, longe disso. Por isso, o confronto entre ambos se tornou inevitável. No interesse do povo palestino, é urgente parar esta lógica repressiva de parte a parte.

Que fazer ?

1. O Hamas deve fazer o primeiro gesto de apaziguamento, restituindo os locais das instituições palestinas que controla (ministérios, quartéis e outras infraestruturas) à autoridade palestina representada por Mahmud Abbas.
2. O governo de urgência nacional (o da Cisjordânia, constituído pela Fatah) deve ser dissolvido porque não tem nenhuma legitimidade institucional.
3. Todas as instituições de segurança palestinas, na Cisjordânia ou em Gaza, devem ser recompostas, afastando-as de qualquer influência sectária e dando-lhes uma só missão: a protecção dos cidadãos, tanto no



plano interno como face às agressões repetidas das forças militares israelitas.

4. Emendar o erro trágico de resumir o diálogo nacional a um frente-a-frente entre a Fatah e o Hamas; o diálogo só pode ser nacional juntando todas as tendências palestinas.
5. Recompôr a OLP incorporando movimentos que dela não fazem ainda parte, como o Hamas e a Jihad islâmica e fazendo depender a representatividade de cada movimento de um processo eleitoral.
6. Operar uma separação entre os movimentos palestinos, enquanto forças políticas, e as instituições da autoridade palestina que devem permanecer ao serviço do conjunto dos palestinos.
7. Vincar que a OLP apenas está habilitada a gerir o dossiê político palestino no plano da política internacional. Enquanto representante de todos os palestinos, o seu programa deve ser o da

unidade nacional, que defende os elementos fundadores das reivindicações do povo palestino, a saber, o direito à criação de um estado palestino independente, o direito ao regresso dos refugiados palestinos na base da resolução 194 das Nações Unidas, de 1948, e a sua representatividade na cena política internacional.

8. Neste momento histórico, a esquerda palestina é chamada a unificar as suas fileiras com vista a constituir, a par do Hamas e da Fatah, a terceira via de que o povo palestino precisa. As suas cinco componentes (a saber, a Frente Popular para a Libertação da Palestina, a Frente Democrática para a Libertação da Palestina, o Partido Popular Palestino, a União Democrática Palestina e a Iniciativa Nacional) devem ter uma atitude responsável e ultrapassar querelas de liderança. Essa união pode conseguir-se se os seus dirigentes se mostrarem conscientes do seu papel histórico. **Hamdan Aldamiri** (militante palestino)

BREVES

Naqba fez 60 anos

Em 29 de Novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovava – por 33 votos contra 13 e 10 abstenções – a Resolução 181, plano de partilha da Palestina, então sob mandato britânico. O plano previa a criação de um Estado judeu, de um Estado Árabe e de um enclave internacional em torno da cidade de Jerusalém. Esse dia ficou conhecido, para os habitantes judeus da região, como *yishuv* (o alívio); para os árabes é a *naqba* (a catástrofe).

Rumo à “paz real”

Mahmud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina, apelou no dia 15 ao derrube do governo do Hamas, acusando-o de ser “uma cambada” e de ter tomado o poder pela força em Gaza.

A verdade é outra: o Hamas ganhou as eleições por maioria absoluta e constituiu um governo legítimo; foi boicotado por Israel, EUA e UE que forneceram armas e dinheiro a Abbas e à Fatah para fazerem um golpe de estado; como o golpe só teve êxito na Cisjordânia, Abbas quer agora desalojar o Hamas de Gaza. Conta com os mesmos apoios externos e isso define a sua concepção de independência para a Palestina. “Paz real” com Israel, chama-lhe Abbas.

Epidemia de suicídios

Durante 2005, suicidaram-se pelo menos 6256 veteranos de guerra das forças armadas dos EUA – 120 por semana, 17 por dia. É uma “epidemia”, diz a cadeia de televisão CBS, que realizou a investigação. A maioria tinha entre 20 e 24 anos de idade e fizera missões de combate “antiterrorista” no Afeganistão e no Iraque. Este “efeito colateral” não pode deixar de ser visto como mais um aspecto da derrota imposta ao imperialismo norte-americano pelas resistências iraquiana e afegã.

BREVES

A Europa moderniza-se

Entre os séculos XVI e XIX existia – sobretudo nos conventos de alguns países católicos – a “Roda dos Enjeitados”. As crianças eram “depositadas”, anonimamente, numa espécie de prateleiras rotativas abertas para a rua, que, girando, permitiam recolhê-las no interior dos conventos. Agora é uma ‘gaveta de bebés’ – a “Roda” do séc. XXI. Uma associação de apoio a mães em dificuldade em Antuérpia, na Bélgica, tem um sistema que permite o abandono anónimo e em segurança num cubículo instalado num edifício de um bairro popular: um espaço com um metro de comprimento e meio metro de altura, aquecido e equipado com colchões, cuja porta dá para a rua. Uma vez fechada, a porta fica bloqueada e o bebé não pode ser recuperado senão pelo interior do edifício.

Nem a morte escapa

O primeiro canal funerário do mundo, a estreiar em 2008 na televisão alemã, emitirá obituários e homenagens dos familiares aos falecidos, por uma quantia que pode ir até aos dois mil euros. O seu criador justifica a iniciativa pela necessidade de “as televisões diversificarem os produtos” e lembra que o mercado funerário “está por explorar”. Também “para combater o monopólio da necrologia nos jornais”, o canal português Porto Canal já lançou uma rubrica com anúncios de óbitos e mensagens aos falecidos.

Puritanismo e negócio

A Southwest Airlines, transportadora aérea dos EUA, proibiu uma rapariga de 23 anos de entrar num voo por usar uma saia muito reduzida. Mas, pouco tempo depois, usou a imagem da jovem, sem a sua autorização, numa campanha que publicitava minissaias.

Há 25 anos no corredor da morte

Mumia Abu-Jamal, antigo membro dos Panteras Negras, foi vítima de uma condenação forjada. Com base em novas provas que o ilibam, reclama novo julgamento

A 17 de Maio deste ano, teve lugar no Tribunal de Recurso de Filadélfia (EUA) uma audiência do julgamento do jornalista norte-americano Mumia Abu-Jamal. Os juizes ouviram os argumentos dos dois lados e estão agora a decidir se o julgamento de 1982 foi justo ou não. Caso não seja anulado e reconhecido o direito a novo julgamento, Mumia pode ser imediatamente executado.

Mumia é um revolucionário negro, antigo membro do Partido dos Panteras Negras, que há mais de 25 anos está no Corredor da Morte, depois de ter sido acusado de forma fraudulenta da morte de um polícia. A sua condenação tem sido ampla-

mente reconhecida como política e racista. Para a conseguirem, o Estado e a polícia falsificaram provas e depoimentos.

Um crescente movimento impediu a execução de Mumia em 1995. Em 2000, o caso já se tinha tornado numa questão internacional. O Parlamento Europeu, a Amnistia Internacional e outros apelaram a um novo julgamento. Em 2001, um juiz do tribunal do distrito federal confirmou o veredicto mas anulou a pena de morte devido às irregularidades cometidas. Com efeito, o procurador usou prerrogativas legais para eliminar a maioria dos jurados negros, ficando o júri final com 2 negros e 10 brancos, numa cidade com quase 50% de população negra. Além disso, enganou o júri com indicações contrárias ao princípio segundo o qual uma condenação apenas deve ser aplicada em caso de não haver qualquer dúvida razoável. Por fim, a polícia pressionou muitas



testemunhas a mudarem os depoimentos para se adaptarem à acusação.

Segundo o advogado de Mumia, o tribunal pode marcar uma nova audiência de recolha de provas, levando a um novo julgamento, ou rejeitar o recurso e Mumia volta a enfrentar a execução. Essa audiência é crucial para a vida deste revolucionário norte-americano. Temos de manter a nossa solidariedade e estar alerta para novos desenvolvimentos, continuando a exigir a sua libertação.

(ver www.freemumia.com).

CMAJ - Colectivo de Solidariedade Mumia Abu-Jamal

Imperialismo devolve afegãos aos talibãs

U Um relatório do Senlis Council (um centro de estudos pró-ocidental que integra a Rede de Fundações Europeias) revela que os talibãs já contam com presença permanente em 54% do território do Afeganistão, exercendo um significativo controlo psicológico e ganhando cada vez mais legitimidade aos olhos dos afegãos. A questão já não é se chegarão a Cabul, mas “quando e de que forma”.

Outro relatório enviado ao Parlamento britânico pela organização humanitária Oxfam alerta para o facto de que a segurança no país piorou de modo significativo; que a corrupção do Governo central e da administração local apenas agrava os problemas; e que são necessárias medidas urgentes para impedir que milhões de pessoas enfrentem um desastre humanitário. Os mais de 15 mil milhões em ajudas recebidos pelo Afeganistão desde

2001 não foram destinados a melhorar a vida dos cidadãos. Mais de 1.200 afegãos morreram este ano, metade dos quais em operações internacionais ou das forças do governo de Cabul. O Afeganistão sofre quatro vezes mais ataques aéreos das forças internacionais do que o Iraque.

Estes relatórios mostram o fracasso da ofensiva militar imperialista desencadeada com o pretexto do 11 de Setembro – mas cujo real objectivo foi o controlo da produção de heroína e do trânsito do petróleo do Cáspio para o Oceano Índico – e mostram também como (e porquê) a resistência cresce entre a população.

Que sejam os talibãs a consegui-lo é fruto do retrocesso causado pelo próprio imperialismo que liquidou previamente tudo o que era ou podia apontar para o progresso, apoiando decididamente os talibãs, quando, em nome de princípios religiosos obscurantistas, estes se



opunham ao governo de Najibulá, do Partido Democrático do Povo Afegão (comunista).

Nos curtos anos desse governo (1987-1992), as mulheres afegãs conquistaram a cidadania plena, o sistema de educação e de saúde foi generalizado, mas... havia o pecado de ser apoiado pela URSS. E Najibulá foi enforcado pelos talibãs em frente dos escritórios da ONU, à vista dos funcionários que o entregaram.

Que alternativa real deixaram ao povo afegão?

José Mário Branco

Há um certo fascismo no espírito do tempo

As dificuldades da luta de classes no Brasil

A luta dos trabalhadores no Brasil depara com grandes dificuldades. Em primeiro lugar, as esquerdas não conseguem se unificar de forma eficaz. Tentam fazê-lo de cima para baixo, a partir de programas ideológicos e não de programas práticos. Isto gera grande sectarismo: temos dezenas de pequenas seitas, cada uma com a sua Internacional e programa revolucionário, mas sem inserção social. Outros setores, os da CONLUTAS e INTERSINDICAL, mais amplos e populares, se organizam junto aos movimentos de Sem-Terra e Sem-teto, em lutas mais práticas. A unidade, quando construída pela base de acordo comum, é mais efetiva.

Fragmentação. A segunda dificuldade é que a mídia [meios de comunicação] de massas brasileira faz uma verdadeira campanha contra os movimentos sociais. Trata-os como 'bandidos', participando ativamente da campanha das elites pela 'criminalização dos movimentos sociais'. Ou então faz silêncio absoluto. No dia 23 de Maio, o Brasil parou por inteiro contra a reforma trabalhista, em greves, ocupações e piquetes, e a mídia não noticiou quase nada, mas falou muito dos campeonatos de esportes. E quando a TV não fala de um assunto, é como se ele não existisse. Assim, a mídia cria a ilusão de que o povo brasileiro é pacífico e só pensa em samba, cerveja, mulatas e carnaval. E para piorar, não temos aqui jornais de esquerda (exceto os governistas) capazes de superar esta fragmentação. O sistema vence as lutas fragmentando-as, isolando-as, impedindo-as de terem contato entre si. Unidas, elas poderiam criar uma consciência de classe e se tornar poderosas. Mas fragmentadas, morrem isoladas. Os trabalhadores muitas vezes lutam, mas com uma consciência limitada ao corporativismo 'categorialista' - ou seja, a professores interessa o sindicato e as lutas de professores e nada mais.



Neo-fascismo. A terceira dificuldade é que o barulho das botas dos militares continua a rondar como um fantasma. Mas de forma diferente. As periferias brasileiras foram dominadas pelo narcotráfico, e há uma verdadeira guerra civil nelas - todos os dias morrem pessoas. A grande mídia faz uma campanha para aterrorizar a população, a serviço dos grandes lobbys e empresas de segurança privada. Assim, difundiram uma cultura do medo, e passou a ser senso comum para a população o discurso que defende medidas de 'tolerância zero' - pena de morte, execuções sumárias, redução da maioridade penal, medidas de perseguição aos pobres, militarização, ocupação militar das favelas. Muitos (principalmente a classe média) defendem a 'volta da ditadura'. Resumindo: é o neo-fascismo de crise. Fizeram um filme, chamado 'tropas de elite', que faz a apologia fascista dos esquadrões militares que ocupam as favelas. E o povo, em massa, adorou o filme e passa a dizer nas ruas que as tropas do filme deveriam ocupar as ruas de todas as cidades. Note-se que no filme ocorrem cenas de torturas, violações de direitos humanos, extermínios e execuções sumárias,

e as pessoas acham isto certo. E clamam por isto. Passam a defender que favelados, sem-terras, sem-tetos, são todos 'vagabundos' e que precisam ser 'varidos'. Ou seja, há um certo fascismo no espírito do tempo, e uma estreita fronteira entre isto e a criminalização dos movimentos sociais.

Burocracia sindical. A quarta dificuldade é que o sindicalismo e a esquerda brasileira foram dominados pelo burocratismo. Os sindicatos são dominados por castas de especialistas em poder, que dominam as pessoas com assistencialismo. São

tecnocratas que assumem controle de empresas, gerem capital, usam os sindicatos e os trabalhadores como massa de manobra com fins eleitoreiros, praticam clientelismo, corrupção, nepotismo, são ávidos por cargos, fazem conciliação de classe, negociatas a portas fechadas, etc. E agem contra as oposições sindicais com expurgos, delações aos patrões, agressões, contratam seguranças, usam práticas truculentas, e não raro, ocorrem mortes não esclarecidas. É o gangsterismo puro. Os trabalhadores brasileiros têm um inimigo sério nos dirigentes sindicais vendidos, a par dos vereadores, dos pastores e seitas salvacionistas e dos barões do tráfico. São muitas formas que o capitalismo encontrou para anestesiar a consciência e impedir as lutas.

Frente de luta. Em suma, o Brasil é um país onde a esquerda tem tarefas difíceis. As lutas estão a se reorganizar, mas enfrentam sérios obstáculos. Atravessamos uma época difícil em que é necessário erguer uma frente de luta contra as reformas neoliberais, a barbárie da crise capitalista e o neofascismo tecnocrático.

Paulo Marques
(Professor e dirigente sindical)

BREVES

Vendilhões multimídia

Uma paróquia polaca transmite para todo o mundo, através de telemóvel, a missa em directo, por cerca de um euro. A ideia foi de um dos fiéis da paróquia que (claro!) dirige uma empresa de tecnologia multimídia. O pároco, embora achando que «uma coisa não substitui a outra», considera necessário que a Igreja se adapte aos novos tempos e aproveite as novas tecnologias para levar a palavra de Deus aos que não estão para se deslocar até à paróquia mais próxima.

Vietname: Nike em greve

Os 10 mil trabalhadores da fábrica de sapatos Tae Kwang Vina, que produz exclusivamente para a Nike, perto da cidade de Ho Chi Min (antiga Saigão), fizeram greve em Novembro pelo direito a férias pagas e por melhor alimentação. É o segundo grande protesto do ano contra a multinacional no continente asiático, depois de esta ter tentado despedir 14 mil trabalhadores na sua fábrica de Jacarta (Indonésia), em Julho, e de ter sido obrigada a recuar pela oposição dos trabalhadores. "Não sabemos quando voltamos ao trabalho", afirmou um dos dirigentes sindicais da fábrica vietnamita. A indústria do calçado é a terceira mais importante do Vietname, a seguir ao petróleo e aos têxteis.

Matar impunemente

No primeiro semestre deste ano, foram registadas no Brasil 694 execuções "extrajudiciais", isto é, assassinatos cometidos pela polícia, disse em Brasília um relator da ONU encarregado do assunto. Philip Alston acusou a polícia de "matar impunemente em nome da segurança" e ainda de "entrar na corrupção e formar grupos de extermínio e milícias". Em Junho, numa operação com 1300 polícias, foram mortas 19 pessoas numa favela do Rio de Janeiro.

BREVES

Emboscada mortífera

Seis soldados dos EUA foram mortos e mais oito ficaram feridos numa emboscada montada por guerrilheiros afegãos na província de Nuristan, em 9 de Novembro. No confronto, os guerrilheiros sofreram três mortos e onze feridos. Foi o maior ataque sofrido pelas forças dos EUA este ano.

Pouco mais de um mês antes, 27 polícias do regime afegão, instalado em Cabul pelos EUA, foram mortos por um bombista suicida que se fez explodir no

Não é anedota

Um site do ministério da guerra dos EUA (Department of Defense) faz uma recensão de várias situações de combate, no Afeganistão, de tropas dos EUA e do regime fantoche de Cabul contra os guerrilheiros afegãos. Há um evidente recrudescimento das actividades anti-EUA por todo o país. Pois bem: o major Chris Belcher, porta-voz da Combined Joint Task Force 82, concluiu do seguinte modo as "informações" dadas aos seus colegas do American Forces Press Service: "O crescente número de ataques dos talibãs, nos últimos dias, é um claro sinal do seu desespero"...

Paranóia policial

Um sueco zangado com o genro mandou um email ao FBI a denunciá-lo como "terrorista ligado à Al-Qaeda", que "ia aos EUA fazer os seus contactos". E indicou o nome, o voo e o destino. Ao aterrar na Flórida, o desgraçado genro sueco foi imediatamente preso e algemado, metido numa cela durante 11 horas, e recambiado para a Suécia. A polícia sueca, contactada pelo FBI, localizou o denunciante e incriminou-o. Declaração do sogro: "Nunca pensei que as autoridades dos EUA fossem estúpidas a ponto de acreditarem em qualquer coisa, mas pelo visto são. Não tenho culpa da reacção paranóica das autoridades estadunidenses".

Juan Carlos: O dedo viril do império

Existe no Estado espanhol um verbo próprio para designar as acções menos conhecidas no exterior do rei Juan Carlos de Bourbon, o verbo: "borbonear". Quando o monarca espanhol, indigitado para o trono por Franco no princípio dos anos 70, espetou o dedo em direcção a Hugo Chavez, pretendendo com o gesto, silenciar um chefe de Estado, o mundo pôde assistir à conjugação pelo próprio do verbo a que deu nome.

Médio. Este não é, porém, o primeiro dedo espetado de Juan Carlos. Na foto ao lado, o rei, de visita ao País Basco, a 25 de Junho de 2004, enfrenta de médio virilmente erecto uma manifestação independentista em Vitória, contestando a sua pre-sença. O pouco nobre instantâneo foi escrupulosamente censurado na grande imprensa e nas tele-visões espanholas e do mundo. A imagem fez curta carreira nas televisões bascas e catalã, sem nunca ultrapassar o circuito das "nacionalidades históricas" e da Internet.

Indicador. Contra Chavez foi o indicador, em riste, em defesa do ex-militante da Falange franquista em Valladolid, José Maria Aznar que, à frente do governo espanhol, terá directa-mente interferido na tentativa de golpe contra o presidente venezuelano em 2002. Isso mesmo viria a ser reconhecido pelo próprio ministro socialista dos Negócios Estrangeiros espanhol, Miguel Angel Moratinos, que a 1 de Dezembro de 2004 declarou no parlamento de Madrid que o papel do governo de Espanha



dessa altura "foi apoiar o golpe, endossá-lo e oferecer-lhe legitimidade internacional".

Multinacionais. As maiores multinacionais espanholas, Telefónica, Repsol, Santander e outras têm importantes interesses predatórios na Venezuela. Interesses ameaçados pelas políticas transformadoras que naquele país vêm combatendo o fosso entre ricos e pobres. Uma Venezuela que enfrenta os ataques de todo o "norte ocidental" pela suposta repressão contra uma oposição que se vê quotidianamente em manifestações de rua, que tem o seus próprios órgãos de informação e que é incessantemente sujeito de notícias na imprensa internacional não pela sua repressão, mas precisamente pela sua manifestação.

Manto de silêncio. Contrariamente, de resto, ao que se passa nas fronteiras do Estado espanhol onde manifestantes anti-monárquicos são detidos em mani-

festações de rua. Ou a julgar pelo manto de silêncio que ainda hoje envolve a participação de Juan Carlos na célebre intentona de 23 de Fevereiro de 1981. Então, a versão oficial de um rei que defendia a "jovem democracia espanhola" apareceria desmentida por declarações em tribunal de militares implicados na "Tejerada" que deixariam clara a caracterização dos acontecimentos como um "autogolpe" do rei para segurar o seu próprio poder (ver Pilar Urbano, *Yo entré en el CESID*, pp. 340 e segs). Muitos outros factos de idêntica natureza encontram-se publicados num outro livro significativamente intitulado, *Un rey golpe a golpe*—uma biografia não autorizada de Juan Carlos, assinado sob pseudónimo, (buscar em <http://www.jcasturias.org/modules.php>), não vá a "monarquia constitucional" espanhola erguer contra o autor o varonil dedo da sua ira democrática.

Rui Pereira

2387 crianças em prisão perpétua nos EUA

Habitantes da cidade de Tallulah querem fechar prisão e construir escolas

Descobrir que uma criança pode ser condenada a prisão perpétua é arrepiante. Só dois países no mundo o fazem — os EUA, que tem 2387 crianças presas nestas condições, e Israel, com 7. Nalguns estados americanos a condenação pode ser aplicada a crianças com apenas 8 anos de idade.

A prisão de Tallulah é um dos maiores centros de detenção de menores dos EUA. Os 33 edifícios, cercados de muros e espigões,

albergam 620 rapazes entre os 11 e os 20 anos. É famosa pelos maus-tratos sistemáticos a que estas crianças são sujeitas. Os habitantes desta pequena cidade na Louisiana lutam para que a prisão seja destruída e no seu lugar se construa uma escola.

Se os cidadãos de Tallulah vencerem, será a primeira vez na história dos EUA que uma prisão é transformada em escola. Será uma grande vitória num estado onde um

em cada 125 habitantes está preso. Será um importante passo para mudar um país onde a educação sofre há d é c a d a s cortes orçamentais, enquanto o financiamento de prisões sobe de ano para ano.

Rita Moura



Um livro corajoso, nu e cru

O Segredo da Rua d'O Século

António Louçã e Isabelle Paccaud, ed. Fim de Século

Quando, há dois anos, no seu livro *Conspiradores e Traficantes* (ed. Oficina do Livro), o historiador António Louçã referiu as ligações ao nazismo do então presidente da Comunidade Israelita de Lisboa (CIL), Moses Amzalak, logo vieram a terreiro os sionistas de serviço aplicar-lhe a estafada etiqueta de anti-semitismo, que colam em tudo o que cheire a crítica à política fascista, expansionista e de *apartheid* do actual Estado de Israel.

O seu novo livro, agora saído – *O Segredo da Rua do Século. Ligações perigosas de um dirigente judeu com a Alemanha nazi (1935-1939)*, escrito de parceria com a investigadora Isabelle Paccaud, vem desenvolver e fundamentar a história sinistra do respeitadíssimo Prof. Amzalak, grande promotor e propagandista do fascismo português, próximo de Salazar desde a primeira hora, e também próximo da Legação nazi em Lisboa.

Baseado numa (quase) exaustiva investigação de arquivos e fontes bibliográficas, os autores abordam, em quatro capítulos, o papel de Amzalak à cabeça do jornal *O Século* e do ISCEF e os serviços que prestou ao Terceiro Reich entre 1935 e 1939 (que lhe valeram, apesar de presidente da comunidade judaica de Lisboa, uma condecoração do governo de Hitler), o papel político-propagandístico de *O Século* antes e durante esse período no contexto do fascismo

português, o comportamento de Amzalak e da CIL no (mau) acolhimento aos refugiados judeus em Portugal e, por fim, a demonstração liminar (a partir dos exemplos opostos do fascismo italiano e da república espanhola) de que o comportamento dos judeus nesse período terrível foi diversamente dividido segundo critérios políticos de classe. O livro termina, aliás, com uma longa, empolgante e comovedora descrição da história de milhares de judeus que, em contraste com as tendências ultra-reaccionárias da grande burguesia judaica, deram as suas vidas nas grandes lutas populares dessa época, na Europa e no mundo inteiro. Não por serem judeus, mas por serem comunistas, libertários ou progressistas.

José Mário Branco



A verdadeira história dos voos da CIA - Os táxis da tortura

Livro de Trevor Paglen e A. C. Thompson, ed. Campo das Letras

Baseado numa cuidada investigação sobre os raptos praticados pela CIA a pretexto da prevenção do terrorismo. O uso sistemático da tortura, as prisões secretas e a cobertura das operações são postos a descoberto com detalhe. Um dos aspectos mais interessantes deste trabalho está na denúncia das origens desta prática, que Bush apenas generalizou. Antes dele, Reagan lançou as bases desta variedade de terror de estado; e depois dele todos os presidentes sem excepção aperfeiçoaram o sistema.

Sobre isto, diz o livro: "As sementes do programa de entrega de prisioneiros foram lançadas pela primeira vez na década de 1980 e as operações iniciaram-se na década de 1990. Isto é, o programa estivera em gestação durante a administração Reagan e nasceu com a administração Clinton. Com o início da «guerra contra o terro-

rismo», o seu âmbito explodiu repentinamente, mas o programa já estava completa e solidamente a ser desenvolvido". E mais adiante: "Em 1995 assistiu-se à reafirmação e expansão, por parte da Casa Branca de Clinton, do recém-nascido programa de entrega de prisioneiros."

M. Raposo



Movimento

Contra a privatização e a mercantilização das universidades públicas

Um grupo de estudantes universitários que se destacou na luta contra o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), fez-nos chegar o seu boletim *Movimento*. O MOVE - Movimento Aberto por Outra Vida na Escola - denuncia o RJIES como uma verdadeira operação de privatização das universidades públicas, que ficarão directamente à mercê dos grupos económicos privados e dos seus interesses de lucro e orientação profissional. Depois de explicar tratar-se de uma política imposta em toda a União Europeia, o editorial do *Movimento* conclui que, "numa época onde os direitos dos trabalhadores são cada vez mais atacados, a precariedade atinge mais jovens e o ensino caminha para a privatização", "a História escreve-se a cada momento e cada momento é também de cada um de nós. Queres escrevê-la connosco?"

(www.move-aberto.blogspot.com)

Cândido Guedes

Tele Visões

Zap

Comprei um comando novo nos chineses. Barato. O outro avariou-se há que tempos. Mal mudava de canal, com a preguiça de me levantar. Agora vejo só um bocadinho de cada coisa. Mas dá um panorama.

Guerra colonial na Dois: cabeças de pretos espetadas em paus à beira de uma picada onde passava uma coluna de tropa portuguesa. Um antigo militar, entrevistado agora, torceu o nariz, enjoado. Com ar comprometido. Mas um capelão da época, com pronúncia tipo Santa Comba Dão, explicou: como eles, os pretos, acreditavam que não morriam com as balas dos brancos, tomou-se necessário mutilá-los, cortar-lhes as cabeças. Tornou-se necessário... Fixei-lhe o nome: Francisco Jorge. Padre, valha-o Deus.

Saltei de canal. Dou com um concurso. Fazem perguntas de escola primária a miúdos que sabem muito e a adultos que não sabem nada. Percebi que o gozo é mostrar adultos ignorantes. Escolhem de certeza os que sabem menos para dar este efeito. Eu, que sei ainda menos, sinto-me humilhado. A sério. Acabo ignorante na mesma, e gozado.

Saltei de novo. A guerra outra vez. Falava o coronel Fabião. Sabem qual era uma das torturas que a tropa portuguesa fazia aos prisioneiros africanos? Pregar-lhes pregos na cabeça até eles morrerem. Mais um salto. Notícias na Sic. O ministro Severiano Teixeira (tinha o nome em baixo), com um ar de menino que nunca calçou botas da tropa, a dizer que o soldado português que morreu no Afeganistão morreu em defesa da pátria. Pátria? O Afeganistão? Pensei que tinha voltado sem querer ao filme da guerra colonial.

Só não me arrependo de ter comprado o comando porque assim fujo mais depressa.

Eugénio Silva

5 a 9 de Dezembro
Os Dias Arrastam-se e as Noites Também
 Teatro Municipal de Almada, Sala experimental, Av. Professor Egas Moniz, Almada (21 :30h e, no Domingo, 16h)
 O Teatro dos Aloés leva à cena a peça do autor congolês Léandre-Alain Baker, encenada por José Peixoto e interpretada por Daniel Martinho, Elsa Valentim e Jorge Silva. Tel. 212 739 360.

7 a 9 de Dezembro
Relações Europa-África
 Faculdade de Belas Artes, Largo da Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa
 Enquanto decorre a Cimeira UE/África, ONG e movimentos sociais dos dois continentes reúnem, também em Lisboa, com o objectivo de alertar os líderes políticos e a opinião pública para os desastres causados pela competição comercial, a exploração económica dos ecossistemas, a abordagem securitária da UE nas questões migratórias e o desrespeito dos mais fundamentais direitos económicos e sociais. Está prevista uma acção de rua na tarde do dia 9. <http://africa-europa-alternativas.blogspot.com>

8 e 9 de Dezembro
200 anos de denúncia da escravatura
 Livraria Ler Devagar, Fábrica Braço de Prata, Poço do Bispo, Lisboa (a partir das 18h)
 Comunicações de cientistas sociais (Portugal, Cabo Verde e Brasil), de um representante do jornal Gueto, e de Robert King (EUA); projecção de filmes, gastronomia, poesia e música e muita animação. Entrada livre. Uma iniciativa da Tertúlia da Liberdade com os apoios da Livraria Ler Devagar, Livraria Letra Livre e da Deriva Editores. Inscreva-se no jantar em tertulialiberdade@yahoo.com <http://tertulialiberdade.blogspot.com/>

14 a 17 de Dezembro
Convite da Casa Viva para um encontro de colectivos
 CasaViva, Praça Marquês de Pombal 167, Porto
 "(...) O capitalismo é a liberdade da raposa no galinheiro, e a força do predador aumenta com a desunião entre as presas. A responsabilidade de tentar a aproximação entre todos os que acreditam numa mudança radical é nossa, dos suficientemente vivos para darem umas bicadas na besta, de forma a que, de dispersas e curáveis, se tornem mais eficazes, provoquem gangrenas e acelerem a morte do carcereiro. A desistência não pode fazer parte do nosso vocabulário. <http://www.casa-viva.blogspot.com/>

14 de Dezembro
Julietta Gandra
 Biblioteca-Museu da República e da Resistência, Espaço Cidade Universitária, Rua Alberto Sousa 10 A, Lisboa (19h)
 Sessão de homenagem à médica Julieta Gandra, escolhida em 1964 pela Amnistia Internacional (AI) como «Prisioneira do Ano», que morreu a 8 de Outubro 2007, aos 90 anos. Segundo a AI, "exemplo claro de um ser humano que, dedicando-se a um trabalho pacífico e nunca tendo praticado ou defendido o uso de violência, fora sujeito à brutalidade arbitrária do Estado pelas suas opiniões e convicções" – a definição mesma de "prisioneiro de consciência". Tel. 217 802 760.

11 de Janeiro
O jornalismo político e o movimento social
 Biblioteca-Museu da República e da Resistência, Espaço Cidade Universitária, Rua Alberto Sousa 10 A, Lisboa (19h)
 Sessão-debate de apresentação do MV com os jornalistas Rui Pereira e Renato Teixeira, Manuel Raposo (redacção MV), moderada por João Mário Mascarenhas (director da BMRR). Tel. 217 802 760

Os Dias Arrastam-se e as Noites Também

Peça de Léandre-Alain Baker



Nas palavras do encenador, José Peixoto, este trabalho do autor congolês (nascido em 1960) que vive em França, «oferece-nos a possibilidade de pensar a Europa vista de fora, na reflexão de alguém que conhece a Europa por dentro. Que provavelmente é europeu, dividido entre duas culturas. Ou caminha na terra de ninguém.» Uma mulher (branca, Elsa Valentim) chega a casa e encontra um estranho (um negro, Daniel Martinho) vestido com o seu roupão, procurando abrigo temporário. O pânico vai-se transformando num entendimento que afinal é aparente; está disposta a sair da morada que partilha com o companheiro (branco, Jorge Silva) mas a decisão é invertida quando este entra em cena, embora venha mantendo com ele

uma relação com sinais evidentes de ruptura, e quem se afasta é o estrangeiro.

Através de um encontro que parece bem-humorado, todos somos levados a questionar o relacionamento que mantemos com as pessoas e com as culturas. As respostas não são oferecidas; mas fica o convite para as encontrarmos. Esta é a primeira peça de um ciclo de textos de autores africanos que o Teatro dos Aloés pretende representar até 2009. A seguir, será a vez de uma peça do sul-africano Athol Fuggard, autor que já teve um texto representado pelo grupo em 1996 e que agora irá ter em cena «A canção do vale». Teatro Municipal de Almada, 5 a 9 de Dezembro (informação ao lado). **Cristina Meneses**

Dentadas

Peça de Kay Adshed, Teatro da Comuna

É uma peça integrada no movimento organizado em Inglaterra por "Artistas Contra a Guerra", levada agora à cena pela Escola de Mulheres-Oficina de Teatro, com encenação de Isabel Medina e interpretações de Albano Jerónimo, José Wallenstein, Leonor Seixas, Lucinda Loureiro e São José Correia.

Procura-se que o entretenimento sirva de veículo ao protesto contra a ocupação do Afeganistão e do Iraque, à denúncia do campo concentracionário de Guantánamo e das responsabilidades maiores

dos norte-americanos nestes crimes, ao repúdio pela violação e opressão da mulher. A guerra conduz-nos aqui a um mundo em ruínas e suicidário.

É uma peça violenta, em oposição à violência das situações que combate. Um trabalho louvável da autora, da encenadora e dos diversos artistas que nele participam.

Contudo, surge-nos uma dúvida – não será um texto de difícil compreensão para um espectador menos informado?

Pedro Goulart

De pacto em pacto, PS e PSD repartem entre si o poder

Sob o pretexto de “modernizar” as instituições, o que está em causa é o futuro das respectivas famílias de interesses

Alberto Martins pelo PS e Santana Lopes pelo PSD, puseram-se de acordo quanto à revisão da lei que regula as eleições autárquicas. O resultado, obviamente, é uma fórmula para forjar maiorias de modo a que os dois partidos repartam entre si as autarquias do país e nelas governem com executivos maioritários. As forças políticas mais pequenas ficam naturalmente arredadas.

Uma farsa. A representatividade deste tipo de democracia controlada - e previamente negociada - é cada vez mais uma farsa. A tão enaltecida “pluralidade” pura e simplesmente deixa de existir. O fito, pelo contrário, é a concentração do poder político, que caminha a par da concentração do poder económico - e não admite partilha. É a forma de assegurar o predomínio das políticas de direita por sobre as (por isso mesmo cada vez menores) diferenças partidárias.

Feito com o pretexto de “modernizar” as instituições, este pacto eleitoral soma-se a outros entendimentos - uns expressos outros não

- entre PS e PSD: sobre a justiça, sobre o papel das forças repressivas (nomeadamente as secretas), sobre a reforma do Estado, sobre as leis laborais, sobre a privatização da saúde, da educação e da segurança social...

O bolo das obras públicas. Nem as obras públicas escapam: o sentido da proposta feita por Luís Filipe Menezes a Sócrates (não aceite para já porque o PS domina o terreno), é repartir de forma equilibrada entre as respectivas famílias de interesses o imenso

negócio das grandes obras públicas. Para isso torna-se necessário acertar um plano de realizações que não deixe os vultuosos investimentos na incerteza de resultados eleitorais. Um exemplo desta incerteza é o novo aeroporto de Lisboa regateado entre grupos poderosos debaixo de argumentos “técnicos” que nada contam para o caso.

Uma capa. O “interesse nacional” atirado para a frente não passa de uma fina capa que mal esconde o real interesse pelos milhões em jogo. **Urbano de Campos**



De cócoras

O embaixador dos EUA, Alfred Hoffman, disse o que lhe apeteceu contra os acordos da GALP com a Venezuela e a redução do contingente militar português no Afeganistão, sem que o governo esboçasse qualquer réplica. Mais: perante o voto de repúdio do BE por tais afirmações, os deputados do PS, PSD e CDS chumbaram-no, dizendo que as declarações do empresário e financiador de Bush “não podiam pôr em causa as relações de amizade entre Portugal e os EUA”. Outra coisa não seria de esperar, sabendo-se da subserviência que os leva a apoiar sem condições os EUA, nomeadamente as suas guerras de agressão.

De caminho, Hoffman desprezou também a afirmação de Durão Barroso de que fora enganado pelas falsas provas dadas em 2003 pelos EUA acerca das armas de destruição em massa do Iraque. O embaixador ridicularizou Durão, fazendo notar que ele foi o último a reconhecer o facto, pelo que a coisa não tinha qualquer novidade.

O ministro Luís Amado tem sido a cara da vergonhosa posição do governo acerca da participação de Robert Mugabe na cimeira UE-África (Lisboa, 8 e 9 de Dezembro). Pondo-se ao serviço do primeiro ministro do Reino Unido, Gordon Brown, que ameaça não estar presente se Mugabe aparecer, Luís Amado teve o desplante de dizer que o chefe de Estado do Zimbabué não seria bem vindo. Ora, independentemente da natureza do regime de Mugabe, os ataques do Reino Unido resultam das expropriações feitas aos fazendeiros brancos e dos limites que o Zimbabué tenta pôr ao poder económico dos antigos colonizadores. Nesta guerra centrada na figura de Mugabe o governo português está afinal a tomar partido pelos interesses coloniais britânicos.

PedroGoulart

Pauzinho na engRenagem

Manuel da Palma

que me dizes do “pacto de regime sobre o plano estratégico de infra-estruturas” que o PSD propôs ao PS?

oh, acho que é um eufemismo de “pacto sobre a repartição do bolo das obras públicas”...

DITO

Precários nos querem, revoltados nos terão

Pintura numa parede de Lisboa